



QUILOMBONJA:

PROTAGONISMOS NO ENSINO COM PESQUISA NO TERRITÓRIO

Bruno Xavier Silveira¹

INTRODUÇÃO:

O QuilomBonja é um projeto da comunidade escolar Nossa Senhora de Fátima, localizada no bairro Bom Jesus em Porto Alegre/RS e protagonizado por estudantes dos anos finais do ensino fundamental, que refletem o vivido no bairro e seu acesso à cidade por meio de ensino com pesquisa de temas sensíveis à comunidade onde vivem e experienciam o mundo. Pautar o ensino com pesquisa a partir do vivido territorial do estudante significa conhecer o bairro, sua formação e como a inscrição deste território se dá na espacialidade urbana porto alegreense, na forma como os estigmas decorrentes dessa relação submetem seus moradores e interferem no pertencimento étnico-racial dos estudantes.

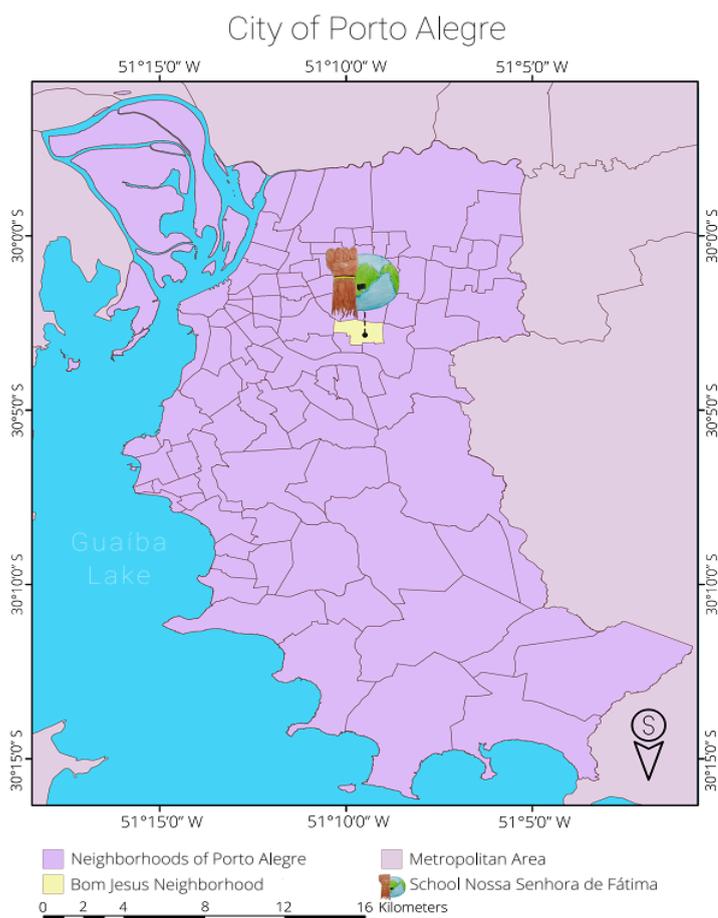
Desde o ano de 2017 o QuilomBonja se tornou um projeto educativo que aborda a educação das relações étnico-raciais (ERER) no ensino com pesquisa, na qual a prática de educação popular e antirracismo na escola pública fundamentam suas ações. Neste relato abordaremos a reflexão da prática desenvolvida com os estudantes, para apreender e refletir com esses jovens e suas experiências de espaço o modo como o vivido territorial, imerso nas tramas socioespaciais da produção da cidade, interfere no seu ser/estar no mundo.

METODOLOGIA:

No projeto QuilomBonja, os envolvidos se reúnem duas vezes na semana, todas as terças-feiras e sextas-feiras à tarde, no turno inverso ao das aulas, para discutir a racialidade no bairro e na cidade, sob um enfoque em que protagonismo e presença negra no espaço urbano sejam abordados “desde dentro”. Como metodologia para conduzir o trabalho com os jovens e aproximá-los de seus territórios de pertença, nos orientamos na pesquisa qualitativa em André (2010), e por meio da pesquisa-ação com Thiollent (2005) e Freire (1981), desenvolvida em entrevistas semiestruturadas, além de oficinas pedagógicas e saídas a campo, sob o formato do ciclo de cultura de Freire (1981) e hooks (2013), que tornam possíveis o

¹ Professor de Geografia da Rede Pública Municipal de Porto Alegre-RS. E-mail: bruno.geo@hotmail.com

princípio da reeducação das relações entre diferentes grupos étnico-raciais que representam a pertença racial dos estudantes, com os quais organizou-se saberes, práticas e registros das atividades em diálogo, para que ao longo da pesquisa assumissem uma postura participativa e protagonista.



Mapa de Porto Alegre e localização do Projeto Quilombonja

Para tanto, recorre-se a estudos bibliográficos sobre a cidade de Porto Alegre e o modo como se relacionam seus territórios e lugares. É importante dizer que essa etapa ocorre ao longo do projeto e fundamenta os estudantes-pesquisadores com conhecimento crítico acerca da formação espacial da cidade e suas representações. Aqui dialogamos com Bonetto (2018) para a qual Porto Alegre construiu a narrativa de imaginário predominantemente branco e europeu, constituído por representações que a valorizam exclusivamente pela escrita espacial branca e de imigração europeia, fato que contribui para a invisibilidade da escrita espacial não branca.

Vieira (2017) explica que as cidades têm memória, porém nem todas as memórias estão presentes nas representações das cidades e no caso de Porto Alegre a perda de memória histórica acarreta em representações de não presença negra no espaço urbano. Para as pesquisadoras as narrativas que negam presenças contrastam com memórias, histórias, conquistas e marcas territoriais de diversos grupos sociais, que legaram à capital gaúcha uma diversidade cultural, que não se reverteu em políticas de visibilidade e de memória, como formas de reconhecimento político.

Simultaneamente a essa etapa da pesquisa, têm-se as entrevistas aos moradores do bairro, cujas narrativas são compartilhadas com os estudantes, que atuam como pesquisadores e momento no qual as entrevistas tornam possível enxergar a cidade e seu cotidiano, porque as narrativas dos moradores chegam aos estudantes-pesquisadores repletas de uma cidade diversa e negra, logo, não hegemônicas pela visão branca de sua construção. Feitas as entrevistas, organiza-se os conhecimentos mais recorrentes nas narrativas dos entrevistados, ocasião na qual dúvidas surgem e tornam-se temas geradores à construção de oficinas temáticas que problematizam a presença negra no espaço urbano, sobretudo em espaços periféricos.

Descrição da Oficina – Presença negra no espaço urbano²

1º momento: Imagens da presença negra na Porto Alegre antiga

Objetivos: Apresentar aos estudantes os espaços ocupados pela população negra em Porto Alegre e as práticas culturais realizadas por este grupo. Evidenciar porque a presença negra no espaço urbano central da cidade foi disputada pelas elites locais desejosas em modernizar a capital gaúcha.

Início da discussão: Com o uso de slides, apresentar aos estudantes a história do espaço urbano porto-alegrense desde o pós abolição à formação das primeiras periferias da cidade e suas disputas por espaço.

² Adaptado de Silveira (2019).

2º Momento: A cidade se diz branca, mas o território é negro, e agora?

Objetivos: Saída a campo com objetivo de produzir imagens do bairro, problematizando pontos estratégicos da presença negra durante o percurso pelo território.

3º momento: Da Bonja para o Mundo.

Objetivos: Marcar e justificar, no mapa do bairro, elementos de identidade, pertencimento e territorialidade reconhecidos e problematizados durante as entrevistas, sobre a transformação do território.

4º Momento: Registro da narrativa O Meu lugar é meu território

Objetivo: Relatar, de modo escrito, como foi participar da oficina e que relações foi possível estabelecer com a Bonja.

Realizadas as etapas acima, é o momento dos estudantes escolherem o tema com que mais se sentem pertencentes para iniciar reflexões, produzindo, com auxílio do professor, seus próprios textos sobre o seu bairro e os saberes produzidos nas oficinas temáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Na esteira em refletir o vivido e aprender pesquisando no bairro e descobrindo sobre o espaço urbano na contramão de uma história única, o projeto possibilita pensar a prática pelas experiências de estudantes periféricos para o debate sobre a cidade desde o chão de seus “territórios usados”. Dialogar em pesquisa com as periferias urbanas, seus jovens e suas práticas geram problematizações distintas das hegemonicamente experimentadas, sobretudo por desafiar a lógica de subalternidade imposta aos jovens e espaços periféricos:

Nós estamos aqui e falar da cidade sem considerar o nosso lugar, e que temos uma história que é nossa [...] sem isso fica difícil entender Porto Alegre [...] E nem Brasil também, porque existe uma história das pessoas negras que não é só de racismo, mas de exemplo de como construir uma forma de vida além dele. Rosa Parks, 15 anos e (Dandara, 13 anos).

O posicionamento das estudantes elucidada como suas experiências em pesquisa territorializam suas presenças no espaço urbano. Simultaneamente, conferem o sentimento de pertença racial e territorial a um contexto marcado pela invisibilização de referências

positivas que constituem o seu processo de cidadania, entendendo que essa experiência é importante porque no bairro e a partir dele os estudantes representam a cidade, criando experiências com ela. Por ser o lugar da existência cotidiana e do encontro, o bairro estrutura as representações do envolvimento do sujeito com o conjunto do espaço urbano.

Aprender pela pesquisa, sobre seu bairro, enquanto território das lutas pelo direito à cidade, simultaneamente a refletir a racialidade imersa nas práticas cotidianas, revela protagonismos diante dos apagamentos intencionais da presença negra no espaço urbano e faz pensar a natureza dessa experiência na formação crítica de curiosos epistemológicos. Há uma ligação entre a dimensão territorial do vivido e a construção do sujeito de direitos, no qual a cidade representa e expressa esse encontro como descoberta e protagonismo:

A pesquisa faz eu me sentir diferente porque agora eu me vejo uma pessoa dentro da cidade [...] e que a cidade de Porto Alegre também é para mim. A história do meu lugar é tão importante quanto a história do Brasil. Dizer que a Bonja representa toda uma luta por moradia, por viver e por enfrentar o racismo é motivo demais pra me orgulhar daqui. (T´Chlala, 17 anos).

A pesquisa me ajudou a compreender a cidade como palco de muita dor e muita luta. Poder falar sobre isso também me ajuda a enfrentar os meus medos. Eu adquiri conteúdo sobre a vila e a cidade e o Brasil. E nós apenas fazemos pesquisa sobre nós. (Rosa Parks, 15 anos).

Com as experiências desses estudantes-pesquisadores abriu-se uma nova brecha para recriar a ERER, trazendo sua dimensão territorial como totalidade da cidade, que desde o bairro não esconde a dor a que seus habitantes foram historicamente submetidos, porém inverte a perspectiva. Apontar esses saberes disputa as narrativas de invisibilização, contribuindo para o posicionar-se dos estudantes no mundo, como sujeito de suas escolhas.

O nosso coletivo dá uma outra resposta para a cidade. O nosso bairro faz parte da cidade porque nas nossas pesquisas aprendemos uma outra Bom Jesus, pela nossa voz e com o nosso jeito. Há uma cidade que é feita pelas pessoas, em cada bairro [...] eu acho que Porto Alegre é assim: uma cidade de várias vozes e territórios. (Delacruz, 14 anos).

Como se percebe, as falas dos estudantes apontam uma necessária intimidade entre os jovens, suas experiências de espaço e a pesquisa escolar, o que sugere diálogos intensos com a educação popular e a racialidade inscrita em seus cotidianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Diante dos achados problematizamos os jovens como sujeitos do conhecimento e produtores de espacialidades, indagando um projeto colonial que os representa subalternizadamente no espaço e na produção do conhecimento. A opção metodológica escolhida enfatiza o papel protagonista dos estudantes, que estando na margem social, geográfica e epistemológica da produção desse conhecimento, fazem uso de suas experiências espaciais (e de pesquisa) para apontar a uma cidade projetada para que fosse branca a coexistência do/no espaço urbano, revelando protagonismos que referenciam seus pertencimentos. Esse elo da pesquisa traz à tona a importância do fazer científico na escola pública.

Nesse sentido, o Projeto QuilomBonja, ao pautar a temática étnico-racial pela experiência dos estudantes de um bairro de periferia urbana, traz a tona questões relacionadas à cidade, à periferia e aos territórios de maioria negra pela autoria desses jovens, que experienciando a pesquisa desde seus territórios usados lêem a cidade para além das narrativas hegemônicas instituídas. Isto significa dizer que o bairro Bom Jesus coexiste na diversidade urbana porto-alegrense e compreender essa perspectiva possibilita novas abordagens de problematizar e reposicionar os jovens em/desde seus territórios, propondo entender o movimento de seus corpos nas cidades e as representações dele decorrentes, enquanto ferramenta de combate ao racismo na vida e na produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS:

ANDRÉ, Marli. O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. São Paulo: Papyrus, 2001.

BONETTO, Helena. A invisibilidade do negro em Porto Alegre: uma pesquisa sobre imaginários urbanos. Tese de Doutorado em Geografia (POSGEA). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre: 2018.

BRASIL, MEC, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, 2013.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.



SILVA, Natalino Neves da. Juventude Negra na EJA: o direito à diferença. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

SILVEIRA, Bruno Xavier. Da Bonja Pro Mundo: O território vivido como potência identitária no ensino de Geografia. Dissertação de Mestrado em Geografia – POSGEA, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2019.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2005.

VIEIRA, Daniele Machado. Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Dissertação de 221 Mestrado em Geografia (POSGEA). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre: 2017.